

A ANCORAGEM DA SINGULARIDADE QUEBEQUENSE EM SOLO AMERICANO

Dayana dos Santos Ribeiro Rafael

Orientador: Arnaldo Rosa Vianna Neto

Mestranda

RESUMO: Neste texto apresentaremos brevemente aspectos que vêm sendo estudados na obra *Le nez qui voque* do escritor quebequense Réjean Ducharme, no âmbito do mestrado. No contexto da Revolução Tranquila, época que inaugurou uma nova consciência identitária no Quebec, que proporcionou a ruptura com o passado, e a modernização das instituições, surge *Le nez qui voque*. Tal obra exprime ruptura e modernidade, traduz a vontade de renovar as formas, de inventar, desmistificar o passado clássico francês e deste modo romper com a França e com os paradigmas hegemônicos. Neste primeiro momento da pesquisa, apresentaremos e analisaremos, em *Le nez qui voque*, exemplos da ruptura com o cânone literário e com as duas maiores construções socioculturais e linguísticas da história da construção do Canadá: a francesa e a anglófona, o que forja o discurso literário da bastardia. Mostraremos como a metáfora literária do bastardo permite um recomeço, uma refundação, ao garantir ao quebequense sua inscrição no continente americano, a ancoragem americana de seu ethos. Para tal, propomos o diálogo com os textos de Vianna Neto, Betty Bednarski e Bernard Dupriez.

PALAVRAS-CHAVE: Americanidade, Alteridade, Identidade, Bastardia

O Canadá, colonizado primeiramente pelos franceses, foi cedido para os ingleses no Tratado de Paris de 1763. Ilhados em meio a uma maioria anglófona, os canadenses-franceses do Quebec, como eram chamados antes da Revolução Tranquila, provaram um sentimento de insegurança e medo perante o risco de assimilação e desaparecimento o que fez com que eles se voltassem para o passado francês, para a herança francesa e ficassem atrelados ao cânone literário da pátria-mãe. Apenas a partir da década de 1960, com a Revolução Tranquila, foi possível o surgimento de uma literatura que representasse a identidade quebequense. É neste

período, segundo Bouchard (2000, p.23), que começam a surgir reivindicações para que a literatura exprima a realidade quebequense baseada nos referenciais locais, através da língua, do modo de falar local, livre deste “paradigma da sobrevivência” (BOUCHARD, 2000, p.28). Tal movimento foi pontuado por grandes mudanças nos domínios social, político, econômico e cultural. As ideias propagadas à época da Revolução Tranquila ajudaram canadenses-franceses, originários da província do Quebec, a se identificarem como quebequenses e rejeitar a pátria-mãe e seus modelos; assim como, recusar elementos culturais do Canadá anglofôno. Réjean Ducharme, escritor quebequense, é um dos autores que colaboram para que isso de fato aconteça, visto que o autor inscreve no seu discurso literário “índices históricos que potencializam a leitura da realidade pós-colonial” (VIANNA NETO 2011, p.40) e que permitem a inscrição da americanidade (toda a experiência vivida e adquirida no continente americano) na identidade cultural quebequense.

Produzindo sua obra no bojo da Revolução Tranquila, já no título da obra, Ducharme revela as constantes de sua literatura: o jogo com o significado das palavras, a polissemia do vocabulário, o trocadilho (*Le nez qui voque* → *Une équivoque*). O autor brinca com as palavras, torna a mensagem ambígua, opaca. Elementos que dizem respeito à identidade do próprio autor que se recusa a aparecer publicamente gerando suspeitas sobre sua existência. Ducharme existe ou será um *écrivain-fantôme*? Essa questão contribuiu para que se criasse um mito em torno da identidade do autor: *le mythe Ducharme*. Ao brincar com o significante e o significado, Ducharme joga com a própria comunicação, como se as palavras fossem mais opacas que transparentes e que por isso o fazer poético (o sentido das palavras e não a sua forma) traria a verdadeira mensagem à tona. O caráter arbitrário da linguagem do texto serve ao objetivo de se criar uma nova representação do *ethos* quebequense, livre das amarras histórico-culturais e das construções monolíticas (os *ethoi* francês e estadunidense). Deste modo, o heterogêneo, o múltiplo é inscrito na obra.

Em outra leitura do título seria possível associar a palavra *voque* ao verbo francês *voguer* por aproximação homofônica. Deste modo, Ducharme faria o leitor pensar em um nariz (*nez*) que voga pelas ruas de Montréal, desconstrução que aponta para as múltiplas possibilidades de leitura e o *non-sens* ducharmiano. O escritor utiliza o jogo com a linguagem para desmistificar os cânones literários. Logo, ele inventa palavras que não pertencem ao código linguístico, para reivindicar sua liberdade. Nisto consiste seu poder criativo, a escrita

segundo os padrões normativos não lhe interessa. Para atingir seu objetivo de escrever de um modo mais natural, inventivo, sem ser imobilizado pelas regras do código literário, ele adota a *découpage* das palavras baseado nas semelhanças sonoras e semânticas. Tal procedimento, que permite a criação de novas palavras, vai produzir ideias difíceis de compreender, a leitura não será fácil, porém o mais importante para Ducharme é simplesmente se expressar. “Le procédé du jeu de mots, par *découpage* ou par faute d'orthographe, ou d'autres façons, est essentiel à l'oeuvre puisqu'il définit le rapport qui s'établit, par elle, entre Ducharme et nous” (DUPRIEZ, 1972, p.12)³⁵³⁶. No texto observa-se a acumulação de frases, assim como, a falta de pontuação (vírgula, pontos de interrogação). Trata-se de uma escrita automática que utiliza a repetição para reforçar uma espécie de obsessão que se verifica na obra. Ducharme utiliza esta obsessão – “revenir plusieurs fois sur la même idée, en des termes plus au moins différents” – (DUPRIEZ, 1972, p.15)³⁷ para denunciar e escarnecer dos processos literários. Ele recusa a imposição dos cânones literários, os clichês e a imitação.

Em *Le nez qui voque* as palavras estão a serviço da expressão. Ducharme adota uma linguagem que tem como finalidade a ruptura com a língua de origem e suas normas. Sendo assim, ele rejeita os códigos hegemônicos da língua de origem e produz uma literatura não mimética como estratégia simbólica de eleição da modernidade e da independência cultural. A Revolução tranquila permite que a literatura canadense-francesa se torne literatura quebequense, literatura nacional e não mais uma reprodução da literatura francesa. O autor, no processo de descolonização cultural, propõe um contra modelo ao modelo francês: modernidade contra a velha norma literária francesa: “*Hostie!* Tout cela, maintenant, c'est de la mauvaise littérature, des réminiscences, du *non-sens*, du passé, du dépassé, du trépassé, du déclassé, du crétaqué, du miel à mouches, de la rhubarbe à cochons” (Ducharme, 1967,p.95)³⁸.

No processo de eleição de uma linguagem que sirva aos ideais de autoengendramento (de construção de uma identidade nacional), há a afirmação de uma identidade própria, distinta, através da rejeição, em um primeiro momento, da língua de

³⁵ Todas as traduções são de minha autoria.

³⁶ O jogo com as palavras, através da *découpage* ou dos erros de ortografia, entre outros, é essencial para a obra, visto que define a relação que nela se estabelece entre Ducharme e nós.

³⁷ Retornar várias vezes para a mesma ideia, em termos mais ou menos diferentes.

³⁸ *Hostie!* Tudo isso, agora, é literatura ruim reminiscências, nonsense, passado, ultrapassado, expirado, desclassificado, cretáceo, mel às moscas, ruibarbo aos porcos.

origem, da língua do colonizador (em um segundo momento a língua francesa sofrerá um mecanismo de apropriação fazendo-a passar por um processo de antropofagização linguístico-cultural). O autor rejeita o modelo identitário predominante e destaca a diferença entre a língua de origem e a língua nacional ; ironiza, brinca com esta diferença:

Tous les Canadiens français qui essaient de parler comme les Français de France [...], je les hais (Ducharme, 1967,p.20)³⁹.
Les snobes canadiens-français ne disent pas *théâtre*, mais *téâtre*. Ces sont des hosties de comiques (DUCHARME,1967, p. 80)⁴⁰.

Os dois protagonistas da obra de Réjean Ducharme se chamam Milles Mille e Ivugivic, que é chamada de Chateaugué por ele. Ela é orfã e ele não diz o motivo que o levou a deixar seus pais, ambos representam a ruptura de filiação. Tais personagens são adolescentes que querem reinventar o cotidiano, adotam o desvio, a errância para escapar das normas da vida em sociedade. Eles as transgridem, pois estão insatisfeitos com a imposição de códigos que não se relacionam com a realidade, com a identidade deles. Este conflito é resultado do repúdio de ambos pelo poder político e cultural. Os personagens deambulam por diferentes espaços da cidade de Montreal, que sofre influências da língua inglesa e da cultura estadunidense, e simbolizam o indivíduo deslocado. As deambulações de tais personagens, marcadas por um *ethos* bastardo e *undergroud*, representam a ressignificação da herança francesa e a fuga ao *do the right thing*, ao *american way of life*, que preconiza que os indivíduos devem se dar bem e vencer na vida seguindo o modelo WASP etnocêntrico. Em contraposição a esse modelo, o quebequense tentará ancorar as particularidades identitárias e culturais do *ethos* quebequense no continente americano, através do exercício de práticas sócio-culturais desenvolvidas no espaço da margem e do trânsito, em um entre-lugar marcado pela tensão identitária.

O personagem Mille Milles, narrador-autor de *Le nez qui voque*, se configura como o duplo narrativo de Réjean Ducharme. O autor, através de Mille Milles, vai inserir o lúdico e o pueril na obra ao tratar de questões complexas que dizem respeito à identidade cultural quebequense. A irreverência do adolescente serve de autoironia e de provocação para aqueles que criticam a sua escritura :

³⁹ Todos os canadenses-franceses que tentam falar como os franceses da França [...] eu odeio.

⁴⁰ Os esnobes canadenses-franceses não dizem *théâtre*, mas *téâtre*. São um bando de cômicos.

Je rédige cette chronique pour les hommes. Je rédige cette chronique pour les hommes comme ils écrivent à leur fiancée. [...] J'écris mal et je suis assez vulgaire. Je m'en réjouis. Mes paroles mal tournées et outrageantes éloigneront de cette table, où des personnes imaginaires sont réunies pour entendre, les amateurs et les amatrices de fleurs de rhétorique (Ducharme, 1967,p.12)⁴¹.

Segundo Vianna Neto (2012), o processo de desconstrução e paródia linguística na obra de Réjean Ducharme foi inaugurado na narrativa de *Le nez qui voque*. É possível verificar esses dois elementos na fala do personagem Mille Milles : “Le mot Canada serait né des mots espagnols *aca* et *nada* qui signifient: rien ici” (DUCHARME,1967, p. 20)⁴².

A busca do significado etimológico de Canada leva Ducharme a usar um de seus recursos narrativos produtores de paródias: a crítica pelo humor cáustico que desconstrói as formações estratificadas e indica pistas para a reciclagem identitária. Trata-se da necessidade latente, não só de se reinventar, mas de reinventar o próprio país [...] (VIANNA NETO, 2012, p. 42).

Ducharme, ao estabelecer uma relação entre o país Canadá e a palavra nada, parece fazer referência ao passado colonial do Canadá, ao fraco movimento migratório, ao seu difícil povoamento, ao seu isolamento durante um inverno de seis meses, ao pensamento geral, da época, que o Canadá tinha pouco a oferecer. O “nada aqui” parece fazer referência à natureza, violenta, hostil do país. Esta natureza difícil, que provoca o sentimento de insegurança e isolamento, junto ao abandono da França, gera um vazio existencial nos quebequenses que culmina na procura da identidade.

O nome Canadá seria de origem autóctone (teria origem na palavra iroquesa *Kanata* que significaria aldeia ou povoado), certamente Ducharme tinha conhecimento disso quando escreveu *Le nez qui voque*. Sabia também que os ameríndios e suas guerras foram uma das razões da fraca imigração na época da colonização. Os franceses tinham medo de vir a este país povoado por "bárbaros". Em uma outra leitura, o “rien ici” poderia também indicar o

⁴¹ Eu redijo esta crônica para os homens como eles escrevem para as noivas deles. [...] Eu escrevo mal e sou bem vulgar. Eu me divirto. Minhas palavras mal colocadas e ultrajantes afastarão desta mesa, onde pessoas imaginárias estão reunidas para escutar, os que amam os floreios da retórica.

⁸ A palavra Canadá teria nascido das palavras espanholas *aca* e *nada* que significam: nada aqui.

desprezo pela alteridade ameríndia ou a invisibilidade da cultura quebequense frente a uma maioria anglófona.

Em *Le nez qui voque*, Mille Milles passa a chamar Ivugivic, de origem esquimó, de Chateaugué. Tal nome foi retirado de um livro histórico no qual Pierre Le Moyne d'Iberville, cavaleiro canadense-francês, que lutou nas batalhas contra a invasão inglesa, se refere a seu irmão Chateaugué morto em combate (o fragmento histórico foi enxertado em itálico em *Le nez qui voque*). Ducharme rebatizou Ivugivic de Chateaugué numa tentativa de inseri-la na sociedade que a excluiu. Trata-se da união, do quebequense com o autóctone, da eleição de um inimigo em comum, da consciência de partilhar uma história específica de marginalização notadamente por meio da submissão e da desapropriação. Com Ivugivic, Ducharme efetua um retorno aos dias anteriores à chegada dos europeus na América do Norte como efeito libertador para estabelecer uma identificação entre a exclusão dos ameríndios da sociedade e o sentimento de exclusão que os quebequenses experimentaram, por sua vez, em relação aos anglófonos. Por isso, Mille Milles diz :

Je ne veux pas voir d'Anglais avec les Esquimaux. C'est un génocide (DUCHARME,1967, p.15)⁴³.

Ils ont réussi à tuer tous les Indiens et à parquer les autres dans des réserves, les Anglais. [...] Pour parvenir à être américain, cela leur a été plus facile, aux Anglais (DUCHARME,1967, p.151)⁴⁴.

Para se afirmar, se diferenciar e se fortalecer como forma de resistência à invasão inglesa, os canadenses-franceses se voltaram para a idealização do passado e adotaram um comportamento mimético. A França, pátria-mãe, se torna um bem perdido, a apatia a substitui. Ducharme desconstrói, critica através da ironia, esta nostalgia que prende o canadense-francês à contemplação melancólica do passado, impedindo o reconhecimento e a afirmação da identidade nacional quebequense. O autor critica as pessoas que utilizam esta reivindicação dos direitos ancestrais sobre o território quebequense para permanecerem atadas ao *mémorial de souche* (linhagem):

⁴³ Eu não quero ver os ingleses com os esquimós. É um genocídio.

⁴⁴ Eles conseguiram matar todos os indígenas, encurralar outros em reservas, os ingleses. [...] Para conseguir ser americano, foi mais fácil para os ingleses.

Il y aurait Canadiens français et ils seraient Canadiens français parce que leurs pères ont fait la traite des fourrures. C'est du passé qu'on parle quand on parle de la traite des fourrures. Les Canadiens français (le nom seul est ainsi) prétendent jouir d'un privilège dont ne jouissent pas les autres Canadiens (le nom seul est ainsi). Ce privilège, c'est celui d'avoir découvert le Canada et de lui avoir donné les premiers coups de charrue, de lui avoir fait saigner du blé (saigner du nez) pour la première fois (DUCHARME, 1967, p. 151)⁴⁵.

Ducharme rechaça a condição de herdeiro e denuncia a França, que os abandonou à Inglaterra, para que os quebequenses possam cortar o cordão umbilical e possam se tornar senhores de si: “Si on admet qu'il y a des Canadiens français, il faut admettre aussi que les Canadiens français ont versé beaucoup plus de sang sur la France que les Français en ont versé sur le Canada” (DUCHARME, 1967, p. 151)⁴⁶. A conquista do Canadá pelos ingleses mergulhou os canadenses-franceses da época na incerteza e na penosa busca da identidade, suscitando questões ontológicas: “Somme-nous une colonie? une nation? une province? un groupement ethnique? un pays?” (BEDNARSKI 1985, p.241)⁴⁷. Trata-se de um problema de identidade, de solidão, de marginalização devido ao isolamento do resto do continente norte-americano, à língua e à recusa da assimilação.

A invasão inglesa e o abandono da pátria-mãe forjaram o discurso literário da bastardia cultural quebequense. Réjean Ducharme rompe, refuta a herança francesa para reclamar uma nova identidade que deve corresponder à realidade quebequense. O autor critica os indivíduos, que, ligados ao passado, imitam comportamentos franceses, e desta forma, reproduzem um comportamento alienado, o comportamento do colonizado:

S'il n'y avait pas de Français de France ici, il n'y aurait pas de cinéma ici. Acclamons le civilisateur. Réjouissons-nous. Il vient ici pour déniaiser les masses qui sont niaises et qui ne savent pas dire con. Lisons. Allons au cinéma. Achetons de livre qui se lisent vite. Repoussons l'envahisseur. Débauchons-nous. Marchons les fesses serrées et les pieds en dedans. Portons des pantalons serrés et achetons des automobiles sexuelles. Allons faire un stage à la Sobornne. Fréquentons les désuniversités françaises et ayons honte

⁴⁵ Haveria canadenses-franceses e eles seriam canadenses-franceses porque seus pais fizeram o comércio de peles. Trata-se do passado quando se fala do comércio de peles. Os canadenses-franceses (apenas no nome) querem gozar de um privilégio do qual não gozam os outros canadenses (apenas no nome). Sendo este privilégio, o de ter descoberto o Canadá, o de ter dado os primeiros golpes do arado no solo, o de lhe ter feito sangrar o trigo (sangrar o nariz) pela primeira vez.

⁴⁶ Se se admite que há canadenses-franceses, é preciso admitir também que os canadenses-franceses verteram muito mais sangue sobre a França do que os franceses verteram sobre o Canadá.

⁴⁷ Somos uma colônia? uma nação? uma província? Um grupamento étnico? Um país?

de n'avoir fréquenté que la désuniversité de Montréal. Cachons nous, si nous n'avons fréquenté qu'une école technique. Laissons-nous pousser la barbe et ne la rasons pas. Car ils croiront que nous sommes des désintellectuels quand nous passerons sur le trottoir comme des péripatéticiennes. Repoussons l'Italien, vulgaire profiteur qui ne pense qu'à sa famille et qui passe son temps à rire et à danser avec elle. Employons le mot *con*. Parlons français. Ne souffrez pas de substitut du mot *con*. Mettons-les tous à la même place que Commode, dans le tiroir de la commode. De quoi a l'air un pissenlit qui se donne des airs de dahlia? Ce pissenlit a l'air d'un Canadien français qui se donne des airs de héros de films d'avant-garde made in France. Reston en arrière, avec Crémazie, avec Marie-Victorin, avec Marie de l'Incarnation, avec Félix Leclerc, avec Jacques Cartier, avec Iberville et ses frères héroïques. Restons où nous sommes. N'avancions pas d'un seul pas. Restons fidèles. Souvenons-nous. Le temps passe: restons. Couchons-nous sur nos saintes ruines sacrées et rions de la mort en attendant la mort. [...] (DUCHARME, 1967, p.34)⁴⁸.

Ducharme também critica a submissão à homogeneização da cultura, imposta pelos interesses de mercado, pela lógica capitalista, que apaga os referenciais locais, gerando a exclusão identitária, a desterritorialização. O autor provoca aqueles que sucumbem à atração exercida pelo vizinho estadunidense

Au Canada même les Esquimaux vivent en américain (DUCHARME, 1967, p.148)⁴⁹.

Sur la terre, maintenant, avec rapacité, en automobile pour que cela se fasse plus vite, tout le monde s'achète et se vend" (DUCHARME, 1967, p.149)⁵⁰.

Ils disent qu'il y a vingt millions de Canadiens. Où vivent-ils? Où sont – ils partis? Où sont – ils tous? Il n'y a pas un seul Canadien au Canada. Où sont les vingt millions de Canadiens? Où sommes-nous? Qui, au Canada, n'est

⁴⁸ Se não houvesse franceses da França aqui, não haveria cinema. Aclamemos o civilizador. Regozijemo-nos. Ele vem aqui para retirar as massas, que não sabem dizer *con*, da ignorância, da ingenuidade. Leiamos. Vamos ao cinema. Compremos livros que se lêem rápido. Repudiemos o invasor. [...] Façamos um estágio na Sorbonne. Frequentemos as desuniversidades francesas e tenhamos vergonha de termos apenas frequentado a desuniversidade de Montreal. Escondemo-nos, se tivermos frequentado nada além de uma escola técnica. Deixemos crescer a barba e não a raspemos. Pois, eles acreditarão que somos desintelectuais quando passarmos sobre as calçadas como os peripatéticos. Repudiemos o italiano, aproveitador vulgar que pensa somente em sua família e que passa seu tempo a rir e dançar com ela. Empreguemos a palavra *con*. Falemos francês. [...] Com o que se parece um dente-de-leão a agir como dália? Esse dente de leão se parece com um canadense-francês que se pretende um herói de filme *avant-garde maide* in France. Fiquemos atrás, com Crémazie, com Marie-Victorin, com Marie de l'Incarnation, com Félix Leclerc, com Jacques Cartier, com Iberville e seus irmãos heróicos. Fiquemos onde estamos. Não avancemos um só passo. Continuemos fiéis. Lembremo-nos. O tempo passa: fiquemos. Deitemo-nos sobre nossas ruínas sagradas e riamos da morte à espera da morte.

⁴⁹ No Canadá mesmo os esquimós vivem em americano.

⁵⁰ Sobre a terra, agora, com avidez, de automóvel para que isso seja feito mais rápido, todo o mundo se compra e se vende.

pas de la race des hot-dogs, des hamburgers, du bar-b-q [...]. Qui d'entre nous, mes frères, n'est pas un apôtre de Popeye, de Woody the Woodpecker, [...] du Coca-Cola? [...] (DUCHARME, 1967, p.149)⁵¹.

A disseminação da cultura de massa inculca a alienação nos indivíduos, os traços distintivos de uma cultura não são mais valorizados: “Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX apud SILVA, p.103, 2005). Portanto, se os indivíduos não consumirem segundo o que rege o mercado estarão excluídos socialmente. Sendo assim, “o produto torna-se mais importante do que o homem que a criou” (SILVA, 109-110, 2005). O sujeito é seduzido pela globalização capitalista e se torna submisso ao controle que esta exerce sobre ele, adota a identidade, uniformizada globalmente, fomentada pelos ideais de consumo (modismos e tendências do mercado). O que se torna uma nova forma de imperialismo, de controle. Por isso, no processo de desconstrução da herança europeia, na crítica à apatia e ao desprezo pelas alteridades diversas, que a adesão ao *American way of life* promove, Ducharme emprega a figura do bastardo para romper com toda a representação conhecida do Canadá:

Ceux qui m'écoutent trouvent que j'ai la langue rude, que je parle mal le français. Suis-je Français ? Suis-je né à Paris? Je ne suis pas Français. De plus, je ne veux pas être Français: c'est trop fatigant, il faut être trop intelligent, il faut être trop poli et trop connaisseur de dates de vins, il faut trop parler pour rien, il faut s'estimer trop meilleur que les autres. Je n'ai jamais mis les pieds en France; je ne suis pas Français. Douce France? Pouah! Acre Canadá! Je ne parle, couramment aucune langue. Je comprends mal le français et mal l'américain (DUCHARME, 1967, p. 150)⁵².

Deste modo, quando Mille Milles diz que não é francês, não fala e não escreve o francês, e tampouco o inglês estadunidense, nega, rompe com as duas maiores referências socioculturais e linguísticas da história da construção do Canadá. O bastardo, no desejo de

⁵¹ Dizem que há 20 milhões de canadenses. Onde eles vivem? Para onde foram? Onde estão todos eles? Não há um único canadense no Canadá. Onde estão os 20 milhões de canadenses? Onde nós estamos? Quem, no Canadá, não é da raça dos hot-dogs, dos hamburgers, do bar-b-q [...]. Quem entre nós, meus irmãos, não é um apóstolo do Popeye, do Woody the Woodpecker, [...] da Coca-Cola? [...].

⁵² Os que me ouvem acham que eu tenho uma linguagem grosseira, que eu falo mal o francês. Eu sou francês? Nasci em Paris? Eu não sou francês. Além do mais, eu não quero ser francês: é muito cansativo, é preciso ser muito inteligente, muito polido e ter um profundo conhecimento sobre datas de vinho, é preciso falar muito por nada, julgar-se muito melhor que os outros. Eu nunca pus meus pés na França; eu não sou francês. *Douce* França? Pouah! Acre Canadá! Eu não falo fluentemente nenhuma língua. Eu entendo mal o francês e mal o americano.

reinvenção identitária, rejeita a mãe-madrasta e a cultura de massa. Esta ruptura de filiação lhe permite sair do lugar de herdeiro e assumir o papel de fundador:

Esta condição de bastardia permite a ancoragem americana, um recomeço, uma refundação ao quebequense e o inscreve no continente americano, por meio de “referenciais culturais locais ou continentais chamadas “americanas” (VIANNA NETO, 2006).

A identificação da figura do bastardo na obra sugere a possibilidade de engendramento e afirmação de uma identidade própria, desvinculada dos efeitos da alienante ligação à globalização capitalista, ao paradigma estético. Nem franceses nem anglófonos, os personagens ducharmianos querem ser senhores de si e para tal rejeitam os paradigmas hegemônicos: “[...] la médiocrité, le grotesque américanisme, la servitude, l’indigence de coeur et l’insipidité d’esprit, la soumission et la reddition” (DUCHARME, 1967, p. 216)⁵³.

REFERÊNCIAS

BEDNARSKI, Betty. Constantes de la littérature québécoise. In DORION, Gilles et VOISIN, Marcel (édit.). *Littérature québécoise. Voix d’un peuple, voies d’une autonomie*. Bruxelles: Éditions de l’Université de Bruxelles, 1985, p. 231-250.

BOUCHARD, Gérard. Littérature et culture nationale du Québec: le clivage culture savante/culture populaire. In: PORTO, Maria Bernadette (Org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF: ABECAN, 2000, p.15-35.

DUCHARME, Réjean. *Le nez qui voque*. Paris: Gallimard, 1967.

DUPRIEZ, Bernard. Ducharme et des ficelles. In: HAGHEBAERT, Élisabeth et NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth [direction.]. *Réjean Ducharme en revue*. Presses de l’Université du Québec (coll. "De vives voix"), 2006, p.9-24.

⁵³ [...] a mediocridade, o grotesco americanismo, a servidão, a indigência de coração e a insipidez de espírito, a submissão e a rendição.



SILVA, João Carlos da. Educação e alienação em Marx: contribuições teóricometodológicas para pensar a história da educação. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas: n.19, p.101 – 110, set. 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art07_19.pdf> Acesso em: 15 de jun. 2016

VIANNA NETO, Arnaldo Rosa. Identidade e reciclagem cultural no Canadá. *Revista Textura*, Canoas: n. 13, p. 5-16, jan./jun. 2006. Disponível em: <periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/788/611> Acesso em 13 de fev. de 2016

_____. Partidas e ancoragens: o barco de Ulisses e o tapete de Penélope na tessitura de enredos americanos. In: *Revista Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, 2011, p. 39-65. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/viewFile/7163/4980>. Acesso em 15 de jun. 2016.

_____. Abjeção underground e ethos outsider: estratégias narrativas em habitabilidade e representações de distância em romances de Réjean Ducharme. In: PORTO, Maria Bernadette e VIANNA NETO, Arnaldo Rosa (Orgs.). *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: Editora da UFF, 2012, p.35-54.